



entrevista com  
**IVO amancio**

*Entrevista com Ivo Zacarias Amancio, gestor, músico e luthier. Nascido em Presidente Olegário-MG, dia 07 de fevereiro de 1954. Entrevista realizada na sua residência, em Taguatinga Norte-DF, dia 10 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

**Domingos: Ivo, você é natural de onde?**

**Ivo:** Eu sou natural de Minas Gerais, município de Presidente Olegário.

**Domingos: E o senhor viveu lá até quando?**

**Ivo:** Bom, eu vivi lá na época da infância, da adolescência, então eu morava na fazenda. Era uma região muito rica na cultura musical.

**Domingos: O que o senhor lembra de lá?**

**Ivo:** Ah, eu me lembro de muitas coisas. Inclusive agora nós voltamos lá e minhas irmãs foram até a fazenda onde a gente vivia. Até fotografou alguma coisa lá... Então pra gente é muito emocionante ver uma coisa que foi construída por nós que fez parte da vida da gente. Eu me lembro de muita coisa. Eu estou sempre voltando lá na minha região e participando da Folia de Reis lá.

**Domingos: E nessa época da infância já tinha Folia lá?**

**Ivo:** Já, já tinha. Aliás, lá tem esta tradição das Folias de Reis no alto Paranaíba, parece que é a região nacional das Folias de Reis. Alto Paranaíba, pra região de Patos de Minas.

**Domingos: E o senhor costumava acompanhar as Folias?**

**Ivo:** Não, naquela época não. Eu voltei a acompanhar agora, quando passei a construir algumas violinhas.

**Domingos: Chegou a ter algum contato com viola ainda lá?**

**Ivo:** Agora ultimamente sim, aliás eu estou levando as violas pra divulgar. E, claro, participar do evento grandioso que é a nossa cultura lá da Folia de Reis.

**Domingos: E o senhor veio pra Brasília quando?**

**Ivo:** Eu vim pra Brasília mais ou menos há uns quarenta anos. Então já tenho uma história aqui, não é?

**Daniel: E como era Brasília quando chegou aqui?**

**Ivo:** Brasília era um pouco agitada, naquela época foi em 1978, 79... Então a vida aqui era um pouco diferente. Hoje tem mudado muito, inclusive nessa nossa cultura da música raiz, da viola que Zé Mulato e Cassiano são veteranos. Inclusive, acho que vocês conhecem a história deles, que eu também já escutei... Na época, quando eles pegavam ônibus pra fazer as apresentações nas rádios, que era, segundo eles, de madrugada. Só tinha esse espaço de madrugada. Então quando eles entravam no ônibus, segundo eles, o pessoal ia tudo pra trás, ou então tudo pra frente, então nunca ficavam junto com eles porque não gostavam muito

desse tipo de coisa. Fazia essa separação, pois não conhecia essa cultura. Hoje, graças a Deus, por insistência deles ainda estão e fazendo sucesso... É um exemplo pra gente.

**Daniel: E o senhor chegou pra trabalhar no quê?**

**Ivo:** Ah, bom, eu vim porque meu pai veio de nossa região. É aquele negócio: você tem a família e ali às vezes não te comporta, não tem educação, saúde, enfim, essas coisas. Então nós viemos pra Brasília porque a gente achava que aqui seria... Naquela época, no início de Brasília praticamente... O local aqui prometia muito. Então viemos pra cá pra trabalhar, estudar e acabou que fomos ficando aqui até hoje. A maioria dos irmãos, somos onze irmãos, a maioria está aqui.

**Daniel: Era muita poeira?**

**Ivo:** É assim, na verdade quando nós mudamos pra cá nós já mudamos pra um lugar que já tinha certa infraestrutura. Mas tinham setores aqui que era terrível, muita poeira, muito vento, muito frio, nessa época fazia muito frio. Hoje o clima está mais estabilizado.

**Domingos: O senhor chegou vindo pra qual cidade?**

**Ivo:** Eu vim pra Taguatinga mesmo, eu cheguei em Taguatinga sul. E aí casei e vim pra cá, Taguatinga norte. Trabalhei numa empresa do GDF que era a Ceasa e aprendi muito - a gente está sempre aprendendo. Aprendi muito, depois saí e fui trabalhar como autônomo, fiquei oito anos como autônomo. Aí me concursei novamente, hoje eu sou empregado da Companhia de Água e estou prestes a aposentar também.

**Domingos: E quando o senhor veio pra Brasília, a chegada aqui, foi difícil a adaptação?**

**Ivo:** Ah, com certeza. Sempre quando você sai de um local onde você tem aquela convivência com os amigos, enfim, os seus parentes... Então a gente estranha, mas com o tempo você vai acostumando. Vai construindo e hoje pra mim não é problema mais, graças a Deus está tudo em paz, duas culturas, cultura mineira e a cultura aqui do DF, que ela é muito mista.

**Daniel: E tinha gente de toda parte?**

**Ivo:** Ah, com certeza, nordeste, Minas, São Paulo, enfim, acho que todo o Brasil tinha um pedacinho dele aqui.

**Domingos: E esse contato, com as pessoas, o senhor tinha já tinha alguma relação musical?**

**Ivo:** Aqui em Brasília não. Eu não cheguei a conhecer pessoas do meio, não. Eu vim na verdade começar a mexer com instrumento... Porque lá nas Minas Gerais a gente fazia já. É, mexia com um pouquinho de violão, porque a gente gostava. E aí vim pra cá, pra Brasília, e depois com um certo tempo que eu comecei a pegar numa violinha. E aí pensei: vou construir a minha própria viola e de lá comecei. Hoje acho que eu estou aí com mais de

sessenta violas já feitas, porque parece que torna um vício isso aí. Só que pra mim é um vício prazeroso, você construir uma viola e depois você pegar esse instrumento e ver a questão da afinação. Porque não basta simplesmente fazer o instrumento, tem que fazer pra ele ter um timbre e afinação.

**Domingos: E com quem o senhor começou a fazer violas, quem deu as primeiras dicas?**

**Ivo:** Pois é, na construção do instrumento, hoje com a internet... Então a gente faz umas pesquisas, e com o conhecimento que tenho com madeira... Porque eu, lá nas Minas Gerais, já mexia com madeira. Meu pai era carpinteiro, então eu estava sempre acompanhando ele. Quando morava na fazenda eu fazia umas cangas de boi. Procurava fazer aquelas cangas mais difíceis, que são as mais curvadas. E fazia descaroador de algodão, que antigamente fazia com duas munhecas - munheca é aquela coisa que faz girar a moenda pra entrar o algodão. Então eu passei a fazer com a engrenagem uma munheca só. Então uma pessoa sozinha, ela fazia todo aquele trabalho. Então eu comecei lá. É da família, meu avô era artesão e um tio meu fazia carro de boi. A minha inspiração com relação à viola, a construção da viola, veio quando eu estava enfermo. Eu tive um problema no pé... Porque eu joguei muita bola na época lá em Minas Gerais e nunca tive problema com fratura, essas coisas. E aí fui jogar um ping-pong aqui, aí virei o pé e fracturei. Fiquei enfermo, sem fazer nada. Aí eu já tinha uma viola que ficava na casa do meu irmão e peguei essa viola e comecei a tirar uns acordezinhos, umas notinhas... E passei a ter gosto com o instrumento e então comecei a construir.

**Domingos: E nas escolhas da madeira que o senhor utiliza, tem madeiras aqui do cerrado?**

**Ivo:** Tem, tem. Inclusive eu tenho duas, uma viola está em Minas e a outra está comigo aqui, posso depois te mostrar. Tem uma madeira aqui do cerrado, de fato do cerrado, que é o vinhático, madeira amarela, madeira de lei, uma madeira que inclusive a gente compara ela com a aroeira, na questão da resistência, com o tempo. É uma madeira muito boa e eu gostei dela pra fazer o instrumento, lateral e fundo eu recomendo.

**Domingos: Pra tampo tem alguma do cerrado?**

**Ivo:** Do cerrado, que eu conheça, não. Nós temos aqui a caixeta, que é uma madeira que eu não sei de qual região que ela é. Mas a caixeta é boa madeira, agora eu não sei exatamente se é do cerrado ou de uma outra região.

**Domingos: E das violas que o senhor fez, a primeira viola o senhor ainda tem?**

**Ivo:** Essa primeira viola eu tive um probleminha e aí desfiz dela. Na verdade, fiz uma reconstrução, eu reconstruí ela. Tem até uma história engraçada dessa viola porque, na época... A primeira viola que eu fiz, eu peguei uma madeira que a gente já tinha. Que a minha mãe tinha um baú... Que antigamente quando se casava eles faziam aqueles baús, chamam de caixa, pra colocar roupa. Então minha mãe tinha essa madeira lá. Essa madeira, a origem dessa madeira foi a seguinte: antes do meu pai casar meu avô serrou essa madeira,

que é um cedro vermelho, e aí quando meu pai casou o meu avô deu essa madeira pra ele construir essa caixa. E aí quando, nessa ocasião eu pensei, vou fazer um instrumento, e vou fazer com uma madeira bem especial, porque ela era super especial. Aí fui lá, falei com a minha mãe, ela me cedeu uma tábua. Peguei uma ferramenta muito até grosseira, meu pai me ajudou a serrar essa madeira, a abrir, e eu construí essa viola aqui que é do cedro vermelho. Então essa é a origem dessa madeira. Tem mais ou menos uns oitenta anos que foi serrada essa madeira.

**Domingos: O senhor pode mostrar pra gente?**

**Ivo:** Posso. *[Mostra a viola.]* Olha, isso aqui é o cedro, lateral e fundo é cedro. Desse cedro que eu te falei que é de mais ou menos oitenta anos aqui que foi serrado. Esse aqui é mais novo, mas a base da viola, que é lateral e fundo, é isso aqui.

**Domingos: E o som dela?**

**Ivo:** O som... *[Dedilha a viola.]* Cada instrumento tem o seu timbre. Esse aqui ficou um timbre assim, um pouco fechado, mas ela afina muito bem.

**Domingos: Como faz pra direcionar o timbre que você quer?**

**Ivo:** Ah, isso aí até é um pouco intuitivo. É um pouco intuitivo porque quando você começa a fazer o instrumento você já tem um projeto na sua cabeça. Então, você planeja isso na questão da madeira, da secagem da madeira, o tempo de secagem dela, espessura, curvatura, espessura da caixa, o próprio braço. Eu acho que tudo influencia, cavalete, eu digo que ali tudo influencia.

**Domingos: E como é o processo de construção da viola?**

**Ivo:** Da construção... Eu costumo pegar umas madeiras que as pessoas me doam e aí vou com essa tora na serraria. Lá nós fazemos o primeiro preparo que é tirar as tábuas, que vem mais ou menos a tábua de um centímetro, de meio centímetro pra cima, então essa parte grossa é lá. Aí depois chega aqui e eu tenho uma máquina que faz a calibragem, um desengrosso de lixa. Então vou passando ali até chegar na espessura correta. Então estando na espessura [certa] você começa a moldar a viola e jogar na fôrma e trabalhar.

**Domingos: Tem uma parte desse processo que o senhor gosta mais de fazer?**

**Ivo:** Acho que tudo é prazeroso, apesar de que não é fácil construir uma viola. Eu comparo o seguinte: fazer uma viola, você ver um instrumento bonitinho assim, pequeno... Eu comparo isso aqui como você fazer um telhado de uma casa. É pesado. Então, o trabalho manual, ele não é fácil. Você olhando assim pensa que é fácil mas, na verdade, não é. Mas pra mim é tudo prazeroso. Eu nunca comecei um instrumento em que eu chegasse no meio do caminho e danificasse - eu sempre concluo aquilo.

**Domingos: E o acabamento do instrumento artesanal, a sonoridade, é diferente do instrumento de fábrica?**

**Ivo:** Eu acredito que sim. Aquilo que eu te falei: é até uma questão intuitiva. Pois quando você parte pra construir um instrumento, você já está com certas ideias na cabeça. E na fábrica, já naquele processo em série... Acho que eles não têm aquela intuição pra construir, aquele sentimento. Porque eu acho que pra fazer um instrumento, tem que colocar sentimento também nisso. Não é só na hora de tocar, é na hora de construir - também tem que ter sentimento.

**Domingos: E hoje em dia, o senhor acha que os violeiros têm uma preferência por um ou por outro instrumento?**

**Ivo:** Ah tem, com certeza. O violeiro, que de fato é instrumentista, com certeza ele vai querer uma viola construída dessa forma, artesanal. Porque aí ele tem sua preferência. Então ele [passa a configuração de como ele quer] e se constrói o instrumento.

**Domingos: E os violeiros, o senhor acha que eles têm uma noção da questão da madeira, da construção?**

**Ivo:** Sim, aquilo que eu estava te falando. Os músicos de fato, os violeiros, acredito que sim. [Pela experiência e contato direto que eles têm com o instrumento], já sabem mais ou menos o material...

**Domingos: E quando o senhor está entregando a viola pra alguém, qual é a sua sensação?**

**Ivo:** É uma sensação que não tem nem explicação... Porque você constrói o instrumento e de repente vê o músico de nome pegar seu instrumento e fazer uso daquilo ali. Então pra mim é muito gratificante. Eu acho que a gratificação vem exatamente com esse resultado.

**Domingos: E o senhor é violeiro também?**

**Ivo:** Eu não vou me considerar violeiro porque... Mas a gente toca um pouquinho. Que, aliás, uma das coisas mais bonitas da viola é o som.

**Domingos: O senhor acha que colabora saber tocar viola, para quem constrói?**

**Ivo:** Eu acredito que sim. Porque quando você está fazendo um instrumento você já pensa no resultado. E esse resultado... Como é que você vai medir isso aí? É através do seu conhecimento dos acordes... Ver a questão de afinação, tocabilidade... Não é?

**Daniel: O senhor também faz a marchetaria?**

**Ivo:** Sim, eu comecei fazendo os filetes, mosaico, mas não tive muito bom resultado. Então hoje fica mais fácil a gente comprar já o filete, o mosaico e aplicar. Fica um acabamento melhorzinho. Mas eu tenho inclusive um instrumento lá em Patos de Minas que outro dia eu fui lá e peguei nesse instrumento com essa marchetaria feita por mim. Aí você fica assim



analisando... Mas é muito trabalhoso. Acho que é melhor você adquirir e aplicar, dá mais acabamento.

**Domingos: Um assunto que é muito recorrente na viola é a questão da afinação do instrumento. Que caminhos o senhor buscou pra resolver isso?**

**Ivo:** Então, eu tenho essa escala, minha escala foi eu que desenvolvi. Foi feita uma, baseada nuns cálculos. Então eu fiz a minha escala e depois dessa escala feita eu ainda fiz um trabalhozinho que foi pra fazer aquela chamada microafinação. Então a gente faz essa afinação em alguma região do instrumento onde você precisa buscar mais aquela nota. Então a gente tem feito isso aí no instrumento. Porque quando você constrói um instrumento sem essa microafinação, esse tipo de corda, tem a questão de espessura e tensão. Então muitas vezes ela, você afina, ela solta, mas quando você vai fazer um acorde às vezes mente um pouquinho. Então a gente costuma fazer uma correçãozinha.

**Domingos: Essa escala que o senhor desenvolveu, qual é a medida?**

**Ivo:** Essa escala é a medida normal de 580 milímetros. Mas, dentro disso aí, dessa escala, a distância de um traste no outro, isso aí foi desenvolvido por mim. É claro, buscando aquilo que é o processo natural. Mas sempre tem essas diferencinhas de cada profissional.

**Domingos: E como violeiro, o senhor compõe também?**

**Ivo:** É, a gente tenta. Mas como eu trabalho sozinho, então fica um pouco difícil. Acho que você escrever alguma coisa teria que passar pra outra pessoa que vai ajudar a colocar, dar sentido naquilo que você pensou. Eu fiz, mas é aquilo que estou te falando, a gente trabalha sozinho. Então precisa dar personalidade naquilo. Inclusive até escrevi alguma coisa que fala sobre a viola, que acho até interessante, que diz... Eu falo o seguinte: “a viola é de madeira, a viola tem cintura, a viola é brasileira, a viola é cultura”. Isso é uma coisa do meu pensamento aí. E tem outra coisa também que eu desenvolvi, baseada na viola que diz o seguinte: “a viola que eu toco é uma viola diferente, ela toca música alegre e também comovente, minha viola eu construí...” *[Pausa, emocionado.]* Desculpe.

**Domingos: Tranquilo...**

**Ivo:** “Minha viola eu construí, Deus me deu de presente, ela também me constrói, renova minha mente.” Então... O fato da minha emoção... Lembrei de minha mãe... *[Pausa, emocionado.]*

**Domingos: E como que a natureza, esse ambiente que você vive aqui aparece nas suas poesias?**

**Ivo:** Então, não vou dizer o lado poético, que eu não tenho ainda capacidade pra trabalhar poesia. A gente tem assim essa vontade de mostrar alguma coisa, mas falta competência, isso.

**Daniel: E por que a viola te lembrou a sua mãe?**

**Ivo:** Pois é, foi o processo que eu falei com vocês, que eu peguei um pedaço da madeira, ela me cedeu essa madeira, e nós cortamos a madeira lá... E ela gostava muito de viola... Então, é por isso que me emocionei.

**Daniel: O senhor poderia mostrar algumas violas que o senhor fez, as madeiras que usou?**

**Ivo:** Posso sim. Então, essa aqui que eu já mostrei, que é o cedro, das primeiras que eu construí. Essa aqui foi uma das últimas violas que eu fiz, é material fundo de mogno, tampo de abeto, esses detalhes de escala de jacarandá, cavalete... [\[Dedilha a viola.\]](#) Está afinada. Essa aqui é uma viola também que eu gosto, essa madeira veio da minha região, isso é um jacarandá-mineiro, tampo de abeto, violinha bem especial pra mim, porque ela veio da minha região lá. [\[Dedilha a viola.\]](#) Tem cavaquinho de cinco cordas. Cavaquinho de cinco cordas é de pau ferro, lateral e fundo, braço de mogno, tampo de abeto. [\[Toca o cavaquinho.\]](#) Está até afinadinho.

**Domingos: Por que cinco cordas?**

**Ivo:** Bom, cinco cordas... Fiz esse cavaquinho pra eu tocar. Então como eu já toco a viola que é de cinco pares, então fica mais fácil os acordes. Misturar muito os acordes, assim, o formato de acorde não fica bom pra gente, dificulta um pouco. E tem mais outra viola aqui que eu gostaria de mostrar. A viola de maple, lateral e fundo, aqui [o tampo] também é abeto, e a escala de ébano. Personalizei a violinha pra guardar aí pra gente.

**Daniel: O senhor pode tocar um pouco?**

**Ivo:** A gente tenta, né?! Bom, como eu estou aqui em Brasília, em Taguatinga aqui, vou tentar fazer o “Pagode em Brasília”... [\[Toca trecho instrumental na viola caipira fazendo um pout-porri de “Pagode em Brasília”, composição de Teddy Vieira e Lourival dos Santos e “Luzeiro”, composição de Almir Sater.\]](#) É mais ou menos assim!

**Daniel: Quando pega a viola, o que gosta de tocar?**

**Ivo:** Ah é a música raiz, pura música raiz. Esses dias eu estava trabalhando uma moda de um colega nosso de Patos de Minas, que é o Manito. A música chama “Viola de pinho”. Moda muito interessante, com uma letra simples. Porque a música raiz, na minha opinião, quanto mais simples a linguagem ela fica mais fácil de o pessoal entender. E estou trabalhando essa moda aí. Eu fico aqui estudando sozinho, então é um pouco difícil... Mas é com dificuldade mesmo que se constrói.

**Domingos: Tem alguma que o senhor gostaria de cantar pra gente ouvir?**

**Ivo:** Olha, assim, cantar posso até tentar. Vou pegar uma outra viola aqui... Bom, eu gosto muito dessa moda aqui porque a gente veio da roça e a música é “Escolta de vagalumes”.



*[Canta e toca na viola caipira a música “Escolta de vagalumes”, composição de Luiz Carlos Garcia e Zezety]:*

*Voltando pra minha terra eu renasci  
Os anos que fiquei distante achando que morri  
Morri de saudade dos pais, irmãos e companheiros  
Ao cair da tarde no velho terreiro  
A gente cantava as mais lindas canções  
Viola afinada, na voz dueto perfeito  
Longe eu não cantava doía meu peito  
Na cidade grande só tive ilusões*

*Mas voltei, mas voltei, eu voltei  
E ao passar a porteira, mata e o perfume  
Eu fui escoltado pelos vagalumes  
Pois era uma linda noite de luar*

*Mas chorei, mas chorei, eu chorei  
Ao ver meus pais, meus irmãos vindo ao meu encontro  
A felicidade misturou meu pranto  
Com o orvalho da noite nesse meu lugar*

*Ganhei dinheiro lá fora, mas foi tudo em vão  
Natureza é meu mundo, eu sou o sertão  
Correr pelos campos floridos, feito um menino  
Esquecer as mágoas e os desatinos  
Que a vida lá fora me proporcionou  
Ouvir o sabiá cantando e a juriti  
E a felicidade de um bem-te-vi  
Parece dizer meu amigo voltou.*

**Domingos:** Linda, essa música... E a vida na cidade grande?

**Ivo:** Então, a própria música fala que às vezes é até questão de ilusão, porque o caipira lá no mato nunca foi à cidade e vive feliz com os pés no chão. É difícil, a cidade é difícil, mas faz parte.

**Domingos:** O senhor se sente caipira?

**Ivo:** Me sinto, me sinto. Posso não ser aquele caipirão, mas eu me sinto caipira sim, tenho o maior orgulho disso.

**Domingos:** Como é esse sentimento?

**Ivo:** É a questão da sua formação psíquica, dessa cultura. Eu vim lá da roça, lá das Minas Gerais, então eu me sinto [caipira sim]. Meus pais foram também, então eu me sinto. Tenho muito orgulho disso.

**Daniel: O que é ser caipira?**

**Ivo:** Bom, ser caipira pra mim é a maneira simples de conduzir a vida. É você ser uma pessoa simples. Isso não quer dizer que você não tem quer ter conhecimento, [exemplo ser um doutor e ser caipira], mas acredito que seja a forma de conduzir a vida.

**Domingos: Brasília tem bastante caipira?**

**Ivo:** Tem. Eu acredito que tem muito caipira. Partindo desse princípio que eu coloquei acho que tem muito, muita gente.

**Daniel: E o senhor se sente candango?**

**Ivo:** Não. Assim... Ser candango é complicado, apesar de que eu estou aqui já há uns quarenta anos. Eu tenho minhas filhas, minha família aqui, mas sentir ser candango... Porque veja, com todo respeito que a gente tem onde você está, mas eu nunca esqueci da minha origem. Então é complicado você dizer que se sente candango, porque se sentir candango é como você transportar todo esse sentimento seu pra cá. É complicado isso aí.

**Domingos: Mas as filhas do senhor já têm uma identificação maior com aqui a região de Brasília do que com Minas, por exemplo?**

**Ivo:** Ah, com certeza. Nasceram aqui. Para Minas vão poucas vezes, têm os compromissos aqui. Às vezes eu vou, saio em férias e elas não podem ir. Então fica assim, às vezes choca essa questão de oportunidade. Mas elas conhecem lá e inclusive já foram na minha região lá, nas festas de Reis.

**Domingos: O senhor tem voltado todo ano?**

**Ivo:** Eu tenho, nos últimos anos, todo ano estou lá. Eu sempre saio daqui depois do Natal, saio de madrugada. Na noite que é pra eu ir, costumo nem dormir, por causa da ansiedade. Então eu vou de madrugada, chego lá já pego a Folia. Porque a nossa folia começa no dia 25. Então eu chego lá no dia 26 e eles já estão correndo, como se fala, fazendo o giro. Então já chego nas casas lá, já entro na Folia e participo com muita vontade.

**Domingos: O senhor lembra algum canto da Folia lá?**

**Ivo:** Então, a Folia lá eu participo, mas como instrumentista. A região nossa lá tem aquela coisa do presépio, então essa parte aí eu não entendo bem do linguajar, os versos que eles usam...

**Daniel: O senhor toca viola?**

**Ivo:** É, lá na Folia de Reis eu toco. Ajudo lá no instrumental.

**Daniel:** E o que o pessoal dá de oferta?

**Ivo:** Ah dá de tudo lá. É queijo, galinha, é dinheiro... É vaca... Tudo isso aí. E a alegria de receber a gente. Porque eles também, o pessoal da região fica contando os dias pra chegar essa ocasião pra fazer festa. Porque é pura festa.

**Daniel:** Costumam sair em que horário do dia?

**Ivo:** A gente começa lá tipo oito horas [da manhã] e vai até, dependendo do giro, pra fechar o giro... Porque se planeja um giro, às vezes atrasa um pouquinho, às vezes excede um pouquinho, lá pras oito horas da noite. E aí para, no outro dia recomeça. Até encerrar o giro. Aí depois vem a festa que é no dia que é marcado, tipo dia 05 de janeiro, próximo a essa data.

**Daniel:** E aí encerra no dia seis de janeiro, ou continua?

**Ivo:** Não, a Folia sai no dia 25 [de dezembro], então ela faz o giro nas casas pedindo os donativos. E aí quando conclui isso aí, aí para. Vai entregar a Folia na casa do festeiro. Entregou ali os donativos, aí fica aguardando mais uns seis, talvez uns cinco dias, que depende de se programar pra acontecer a festa. Porque lá tem várias festas. Então eles planejam essas festas pra não chocar uma com a outra, pra não dividir o pessoal, porque eles gostam é que vai muita gente, tipo mil pessoas, mil e quinhentas pessoas, nessas festas. Então a questão do dia da festa. Lá tem um lugar em que já é fixo o dia da festa, que é no dia 05, mas aí eles ficam nas outras festas, pega um final de semana que não choque com essa do dia 05.

**Domingos:** E o senhor tem levado as violas que tem construído pra lá?

**Ivo:** Tenho. Todo ano eu vou, inclusive lá em Patos de Minas a gente faz umas confraternizações. O bom da viola é isso aí, é estar junto com as pessoas do meio, trocando ideias. É muito bom!

**Daniel:** As músicas de viola falam muito de saudade...

**Ivo:** Sim. Exatamente.

**Daniel:** Tem a ver com isso da pessoa que saiu da sua terra?

**Ivo:** Exatamente. Saudade. Saudade às vezes emociona a gente... Porque quem de nós aqui não sente saudade? E a gente, como tem o coração meio mole, o autêntico caipira, acredito que seja dessa forma, se emociona...

**Daniel:** O senhor tem vontade de voltar pra Minas?

**Ivo:** Ah, tenho com certeza. Certeza, aposentando eu quero ir lá. Como eu tenho família aqui eu devo ficar assim, na estrada, entre lá e cá. E lá esta minha família, meus amigos, tenho muitos amigos lá.

**Daniel:** E o pessoal gosta de uma moda de viola?

**Ivo:** Gosta, gosta. A minha região lá, aonde você chega, você pega a violinha, começa a fazer uns acordes, começa a chegar pessoas. Porque é a cultura que é diferente daqui. De repente, aqui você pega um instrumento, começa a fazer uma moda de raiz. Só aqueles que de fato conhecem. Porque senão não tem interesse. Lá não, onde você chega as pessoas já começam a se juntar, aproximar, aí faz a festa!

**Domingos:** Recentemente o senhor participou de um evento de violas?

**Ivo:** Então, é, o evento “Mil Violas”, em Uberlândia, ano passado. Me parece que em outubro do ano passado foi muito bom, muito importante pra gente que mexe com a viola, estar participando. E nessa ocasião eu até levei uma viola e fiz uma doação pro evento, foi sorteada. Tem que estar divulgando essa coisa da viola.

**Daniel:** Se o senhor fosse uma música, que música seria?

**Ivo:** Ah, de repente, saudade e amor, não é?

**Daniel:** Essa que o senhor tocou agora?

**Ivo:** Não, essa moda que eu toquei agora foi “Escolta de vagalumes”, fala também de saudade, porque o cara saiu de lá, veio pra cidade e acabou que voltou. É saudade.

**Daniel:** Existe uma música chamada “Saudade e amor”?

**Ivo:** Não, pode existir, mas eu não conheço. Agora uma música com o nome de saudade, tem, acho que aos montes! *[Risos.]*

**Domingos:** O que é a memória, seu Ivo?

**Ivo:** Memória... Memória no sentido daquilo que você já viveu? Memória é uma coisa muito importante no indivíduo. Faz parte do seu DNA. Você viveu, construiu seu psíquico... Então pra mim memória é tudo que você viveu e guarda até hoje, não é? Por exemplo, essa coisa que a gente falou do caipira. Você aprendeu isso... Então pra mim isso está ligado à memória, isso é memória.

**Daniel:** E o que é a vida?

**Ivo:** Bom, a vida é isso que a gente está vivendo aqui, poder compartilhar aquilo que você gosta, fazer as pessoas sentirem bem e também sentir bem. Isso pra mim é vida.

**Domingos:** Tem alguma coisa, seu Ivo, que o senhor gostaria de falar, que a gente talvez não tenha perguntado, enfim, que o senhor queira expressar?

**Ivo:** Sim. O que gostaria de dizer é o seguinte, que eu fico muito honrado de receber vocês fazendo essa matéria. Até então pra mim isso é superimportante. É o que eu falo com os colegas, eu não estou construindo viola pra pegar a viola e ficar tocando para as paredes. Não é? Então a gente tem que divulgar. Então isso que eu quero dizer a vocês, muito obrigado por estar fazendo isso comigo aqui, porque apesar da minha emoção aí... Mas infelizmente não tem como você se controlar. É isso aí que eu gostaria de dizer, muito obrigado!

**Daniel:** O senhor pode tocar mais alguma coisa?

**Ivo:** É, tocar... Tocar a gente tenta, né? Porque afinal de contas a gente... *[Toca na viola.]* Vou tentar tocar uma moda de viola aqui. É uma moda que faz eu lembrar de quando era pequeno, lá no interior. É a moda “Boi soberano”, vou tentar fazer... *[Toca na viola e canta:]* *Seu moço eu já fui roceiro ...* Desculpa, desculpa, comecei e parti pra outra... Mas vamos então essa, “Caboclo na cidade” pronto:

*[Canta e toca na viola caipira a música “Caboclo na cidade”, composição de Dino Franco e Nhô Chico:]*

*Seu moço eu já fui roceiro, no triângulo mineiro onde eu tinha meu ranchinho.  
Eu tinha uma vida boa com Izabel, minha patroa e quatro barrigudinho  
Eu tinha dois bois carreiros, muito porco no chiqueiro e um cavalo bom arriado  
Espingarda cartucheira, catorze vaca leiteira e um arroz lá no banhado*

*Na cidade eu só ia cada quinze ou vinte dias pra vender queijo na feira  
E no mais estava folgado, todo dia era feriado, pescava a semana inteira  
Muita gente assim me diz que não tem mesmo raiz essa tal felicidade  
Então aconteceu isso, resolvi vender o sítio e vim morar na cidade*

*Já faz mais de doze anos que eu aqui já estou morando como estou arrependido  
Aqui tudo é diferente, não me dou com essa gente, vivo muito aborrecido  
Não ganho nem pra comer, já não sei o que fazer, estou ficando quase louco  
É só luxo e vaidade penso até que na cidade não é lugar de caboclo*

*Minha filha Sebastiana que sempre foi tão bacana que dá pena da coitada  
Namorou um cabeludo que dizia ter de tudo mas fui ver não tinha nada  
Se mandou pra outras bandas ninguém sabe onde ele anda e a filha está abandonada  
Como dói meu coração de ver a sua situação, nem solteira e nem casada*

*Até mesmo a minha velha já está mudando de ideia tem que ver como passeia*

*Vai tomar banho de praia, está usando minissaia e arrancando a sobrancelha  
Nem comigo se incomoda quer saber de andar na moda com as unhas toda vermelha  
Depois que ficou madura começou a usar pintura credo em cruz que coisa feia*

*Voltar pra Minas Gerais sei que agora não dá mais acabou o meu dinheiro  
Que saudade da palhoça eu sonho com a minha roça no triângulo mineiro  
Nem sei como se deu isso quando eu vendi o sítio pra vim morar na cidade  
Seu moço naquele dia eu vendi minha família e minha felicidade.*

**Ivo:** Essa viola aqui é uma viola também construída com jacarandá lá da minha terra, mineiro, tampo de abeto. Fiz uma afinação nela de Rio-abaixo, dá mais ou menos um Sol. Vou fazer aqui um arranjozinho.

*[Toca instrumental na viola caipira a música "Tocando em frente", composição de Renato Teixeira e Almir Sater.]*

**Daniel:** Então é outra coisa essa afinação Rio-abaixo?

**Ivo:** É outra afinação. Nós temos aí várias afinações. Eu acredito que aqui no Centro-oeste o pessoal usa mais o Cebolão, que é o Cebolão em Mi, em Ré sustenido, em Ré. Essa aqui é o Rio-abaixo, uma afinação que eu gosto porque o Almir Sater usa muito essa afinação. Então esse arranjozinho que eu fiz, é da música dele que é "Tocando em frente", gosto dessa afinação pra esse tipo de música.

**Daniel:** E quais duplas que você ouve?

**Ivo:** É, hoje... Lá nas Minas Gerais eu escutava demais Tião Carreiro e Pardinho - nem preciso falar porque esse é universal. Mas tinha uma outra dupla que era Silveira e Silverinha, que até hoje eu admiro o trabalho deles, o timbre deles, aquela voz chorada deles era bonito demais. E da nossa região lá tinha Osmano e Manito, que hoje eu tenho a felicidade dele ser meu amigo, que o Osmano já se foi, o Manito está aí, a gente está sempre juntos. Então eu tenho orgulho e honra muito grande de tê-lo como meu amigo. Então a gente escutava muito porque era regional. E várias outras duplas por aí. O próprio Zé Mulato e Cassiano, esse é um grande poeta Zé Mulato. E o Brasil ainda está rico de ter ele ainda, em pessoa atuando, é muito importante ele nessa cultura que é a música caipira.

**Domingos:** Entre a afinação Rio-abaixo e a Cebolão, tem uma tendência de uma ser mais triste ou alegre que a outra?

**Ivo:** Eu acredito que sim. Não tenho esse conhecimento pra te responder, mas acredito que essa afinação é uma afinação mais triste mesmo, de fato. É, se você observar você vê que as próprias cordas soltas... *[Dedilha na viola.]*

*[Ivo pega uma das violas que construiu para mostrar]*

**Ivo:** Essa aqui é uma madeira... É jacarandá-da-Bahia. Eu ganhei esse kitzinho e construí essa viola, é abeto. *[Dedilha na viola.]* Está um pouco desafinada... Essa aqui está numa afinação mais ou menos Cebolão em Ré sustenido.

**Daniel: O senhor coloca guizo nas violas?**

**Ivo:** O guizo eu não coloco, porque segundo os entendidos isso é superstição. Eu acredito que seja superstição, mas superstição também vale, é bom. Eu tenho um guizo dentro de um instrumento. O que eu sei do guizo é o seguinte: esse guizo ele tem que vir doado por um mestre. E eu tenho um guizo aqui que um mestre me deu, vou te mostrar ele aqui. Então está nessa violinha, o barulhinho dele está aqui dentro. *[Ganhei de]* um colega meu, um mestre, que eu chamo de mestre porque é um cara que já está nessa área há muitos anos, é nosso amigo: o Tião Violeiro, ele que me passou esse guizo. Deixe eu ver se *[o guizo]* aparece aqui... É, mas eu acho que ele foi colocado aqui pra não sair! *[Risos.]*

**Daniel: E qual é a função do guizo?**

**Ivo:** É superstição, diz que você pega o guizo de um mestre pra você, diz que fica mais fácil de você aprender a tocar, essa coisa. E talvez também pra tirar os maus olhados do instrumento.

**Daniel: E lá em Minas eles contam muita história, de viola, de violeiro?**

**Ivo:** Olha, antigamente tinha aquelas histórias, o povo hoje parece que não está acreditando muito nas histórias não... *[Risos.]* Negócio do bicho lá do outro mundo lá, ensinar fazer aquelas coisas de sete encruzilhadas... Aqueles “trem” de despacho lá pra aprender a tocar... O povo hoje acho que não está mais nessa conversa mais não. Mas aqui e acolá a gente escuta essas piadinhas... Piada, não é?

**Daniel: Nem os mais velhos?**

**Ivo:** É, o que acontece é que hoje quando eu vou lá a gente não tem assim muito tempo pra esse lado. Quando a gente chega lá a gente fica mais na questão da viola mesmo, de tocar o trem. Então dificilmente você tem um tempinho pra trocar umas ideias com alguém mais velho. Mas aqui e acolá você escuta essas conversas, história de viola...

**Daniel: O senhor acha que a viola é uma boa companhia?**

**Ivo:** Ah, só é! Só é! Costuma às vezes até os violeiros trocarem as esposas pela viola! *[Risos.]* É importante, eu falei isso é na brincadeira, mas a viola é uma grande companhia. É onde você coloca sentimento, você extravasa no dia a dia, você tem essa vivência na cidade. Então eu, por exemplo, chego do meu trabalho, vejo como é que estão as coisas com a família e logo entro aqui *[no estúdio]* e fico falando com as minhas violinhas.

**Domingos: O senhor toca [viola] todos os dias?**



**Ivo:** Todo dia. Todo dia tem que pegar um pouquinho. Não que tenha aquela produtividade... Mas já pegou, como vício, parece que tem que ter contato com elas todo os dias. Tem que pegar. Porque tocar viola, é questão de inspiração. Tem dia que você não está bem, mas tem dia que você está empolgado. Eu, por exemplo, quando escuto um programa de televisão que tem viola, então dali eu já corro pra cá. Aí me encheu de combustível, de inspiração. Aí eu pego a viola, fico aqui umas duas horas tocando, eu sozinho aqui e pra mim. É muito bom.

**Domingos: E o que o senhor sente quando toca?**

**Ivo:** Ah, tudo de bom. Você se isola do mundo, esquece todos os problemas. Você renova. É aquilo que eu falei, a gente constrói a viola e ela também nos constrói. Então, quando eu pego a viola aqui, eu saio daqui outra pessoa.

**Domingos: Lá na infância do senhor, lá em Minas, tinha circo?**

**Ivo:** Ah, tinha, nossa! Inclusive, na minha época lá, eu praticamente conheci todos os músicos voltados pra viola, conheci lá no circo. Então o circo, pra mim, é muito importante na minha lembrança, nessa cultura da viola. Conheci todos lá, praticamente todos os [artistas] da época, lá no circo. Todos aqueles que eram na época famosos... Porque antigamente não tinha essa facilidade que tem hoje, avião essas coisas. Os caras iam de jipe mesmo, de carro e às vezes pegava até cavalo pra acabar de chegar por causa da época da chuva. Mas eu conheci muita gente no circo, muitas duplas.

**Domingos: Como era, tinha que comprar ingresso?**

**Ivo:** Sim, tinha que comprar ingresso. Então a gente às vezes trabalhava durante o ano todinho pra conseguir comprar ingresso pra entrar, pra ver os seus ídolos.

**Daniel: E era só apresentação ou tinha concurso também?**

**Ivo:** Não, nessa época lá não tinha [concurso]. Nessa região especificamente que eu estou te falando não, não tinha concurso. Mas lá já em outra região, em Patos de Minas, já tinha concurso na Festa do Milho, tradicional Festa do Milho. Agora na nossa festa lá de *Andrequicé*, uma festa religiosa, eles já iam pra fazer o show. Tinha touradas, que o circo era circo e touradas... Inclusive meu pai, na época fornecia animais, gado lá pro pessoal fazer [as touradas].

**Domingos: E o rádio?**

**Ivo:** Ah, o rádio na época era o meio de comunicação da gente lá. Peça fundamental pra gente nessa coisa da viola. Então a gente ligava o radinho, escutava tudo. Na época não tinha televisão, então quem comandava mesmo era o rádio.

**Daniel: E aí ficava só imaginando?**

**Ivo:** Só imaginando. A gente tinha oportunidade de conhecer a viola, conhecer as pessoas tocando ao vivo por conta do circo. Eu acredito que isso aí influenciou muito pra hoje estar mexendo com viola.

**Domingos: E essa era da internet, o que o senhor acha da internet?**

**Ivo:** Aí eu acho que a internet veio pra ajudar e bagunçar o resto. Porque era tão bom quando você escutava, ligava seu radinho lá na roça lá, escutando aqueles programas de rádio. Você imaginava... Hoje não, você liga internet e está todo mundo aí fazendo, tocando viola, enfim. Pra mim, é mais emocionante o rádio. Da época...

**Domingos: Hoje o senhor não ouve rádio?**

**Ivo:** Eu ouço sim. Eu ligo o rádio aqui quando eu vou pro meu trabalho, eu escuto uma radiozinha aqui que não sei nem o nome dela, mas só sei que passa moda boa. Que é o que está me interessando! *[Risos.]* E o cara acho que vende o seu pendrive lá, mas eu não sei o nome da rádio... Mas eu sei que passa moda boa!

**Domingos: O que é a moda boa?**

**Ivo:** Moda boa é aquela moda que faz você imaginar também coisas boas, voltar no passado, relembrar coisas boas. E ouvir histórias que talvez não estão na sua imaginação. Então relaxa, música relaxa. Porque música boa também não é só música raiz caipira, moda boa tem de todo gênero. Mas eu costume é ouvir mais as modas que tem viola.

**Domingos: E o futuro, seu Ivo?**

**Ivo:** O futuro da viola... Uai, eu acho que o futuro da viola é promissor. É um instrumento que talvez ficou um pouco apagado por um período, mas a viola está aí e ela não vai acabar no Brasil. Eu acredito que a viola nunca vai acabar. Nunca acaba, podem inventar outros instrumentos eletrônicos, enfim... Mas a viola, essa coisa de você pegar um pedaço de madeira e colocar no peito aqui e tirar uns acordes, isso é bonito demais. Muito importante.

**Domingos: O fato de encostar a viola no corpo para tocar, o senhor acha que contribui?**

**Ivo:** Ah, é sentimento purinho, é um apego muito grande. Tem umas coisas que eu fico vendo as pessoas fazer com a viola, eu não aprovo. Eles querem pegar a viola, fazer malabarismo com ela e jogar pra trás, aquele negócio todo... Eu acho que a viola, pro meu sentimento, ela tem que ser tratada com carinho, colocada no seu peito aqui e sentir a vibração dela no seu peito. Porque se uma vez você a coloca aqui só pra se aparecer, não sei... Esse é meu pensamento.

**Domingos: E a viola tem personalidade?**

**Ivo:** Só tem. Quando vou fazer uma viola... Primeiro a gente é intuitivo, mas a gente já imagina como vai ficar a viola. Então acredito que a alma de fato da viola é nisso aí. É quando você está construindo a viola, passando essa coisa, essa intuição pra ela.

**Domingos: Ela é ciumenta?**

**Ivo:** É. Tem uma moda que fala dessa questão do ciúme, “Eu, ela viola”, então ela é ciumenta sim, inclusive os compositores, os poetas já escreveram sobre isso aí.

**Domingos: O que fala essa música? Eu não conheço...**

**Ivo:** “Eu, ela viola”. Por causa de você viola...

*[Canta e toca na viola caipira a música “Eu, a Viola e Ela”, composição de Xicão Pereira, Peão Do Valle e Praense]:*

*Por causa de você viola  
Quem diz que me adora  
Quer me abandonar*

*Por ciúme vive a me dizer  
Pra eu escolher  
Com quem vou ficar*

*Gosto dela e vou sofrer muito  
Mas esse absurdo  
Jamais eu aceito*

*Eu prefiro chorar o adeus  
De quem me conheceu  
Com a viola no peito.*

**Ivo:** Aí falou tudo agora... Aquilo que a gente estava dizendo.

**Domingos: Maravilha!**

**Daniel: As suas violas tem nome?**

**Ivo:** Eu comecei a dar nome, mas depois já perdi um pouco... Mas eu digo uma coisa, que isso aqui é como se fosse uma filha minha. Cada viola é minha filha. Uma vez eu construí uma viola e essa viola ficou na casa de um conhecido meu. Um dia retornei lá, vi aquela viola um pouco empoeirada. Ela estava meia largada pro cantinho... Fiquei muito triste com aquilo. Mas é o que eu digo, cada doido com a sua mania. Então ele pegou aquilo talvez pra jogar num canto, não sei.

**Domingos: E o senhor ficou com um sentimento?**

**Ivo:** Com certeza, vi uma filha ali jogada de qualquer jeito...

\*\*\*\*